

## O Camponês nas Análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e Semelhanças

**Priscilla Bagli**

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente, sob a orientação do Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes e membro do NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária.

Correio eletrônico: [priscillabagli@yahoo.com.br](mailto:priscillabagli@yahoo.com.br)

**Resumo:** Não é de hoje que o campesinato desperta interesse entre os intelectuais acadêmicos de diversas áreas do conhecimento. A história nos mostra que muitos foram os que tentaram entender o modo de vida camponês em suas mudanças e permanências. De liberais a românticos, de positivistas a materialistas dialéticos, tantas foram as análises, bem como os prognósticos realizados. Análises por vezes dispares, por outras complementares. O debate exposto neste trabalho, embora retirado de reflexões realizadas por pensadores do século XVIII e XIX, apresenta intensa atualidade. É de extrema importância ressaltar as diferentes concepções existentes sobre o campesinato, uma vez que esse debate reaparece nas universidades nos dias atuais. Os autores escolhidos foram Jean-Jacques Rousseau, Jules Michelet e Karl Marx. Discutir as idéias de tais pensadores, permite a retomada de questões ainda pendentes. Há muito a se refletir sobre o campesinato e seu modo de vida. Destarte, esse artigo é uma tentativa de analisar os argumentos construídos por cada autor, trazendo-os para a atualidade dos fatos. Primeiramente serão expostas as idéias de cada autor. Posteriormente, um breve comentário será feito com base em quatro aspectos (o camponês, o instinto, a simplicidade e o isolacionismo), destacando as diferenças e as semelhanças existentes nos pensamentos dos autores selecionados.

**Palavras-chave:** camponês, natureza, passado, civilização, modo de vida.

## El Campesino en las Análisis de Rousseau, Michelet y Marx: diferencias y Similitudes

**Resumen:** Hace tiempo que el campesino ha despertado atención de los académicos de diversas áreas del conocimiento. La historia ha demostrado que muchos fueron los que realizaron la tentativa de entender el modo de vida de los campesinos en sus transformaciones y permanencias. De liberales a románticos, de positivistas a materialistas dialéticos, muchas fueron las análisis y también los pronósticos realizados. Análisis que algunas veces presentaron amplias diferencias y en otras veces si demostraran complementares. El debate expuesto en este artículo, sin embargo tenga sido retirado de las reflexiones realizadas por intelectuales del siglo XVIII y XIX, es parte de nuestra actualidad. Es muy importante resaltar las diferentes concepciones sobre el campesino, porque este debate reaparece en las universidades en los días actuales. Los autores seleccionados fueron Jean-Jacques Rousseau, Jules Michelet y Karl Marx. Discutir las ideas de tales autores ayudan a reanudar cuestiones pendientes. Hay muchas reflexiones a se hacer sobre el campesino y su modo de vida. Este artículo es una tentativa de analizar los argumentos construidos por cada autor y trae-los para la actualidad de los hechos. Primero serán expuestas las ideas de cada autor. Después, un ligero comentario será realizado con base en cuatro aspectos (el campesino, lo instinto, la simplicidad y lo aislacionismo), destacando las diferencias e las similitudes en los pensamientos de los autores seleccionados.

**Palabras-clave:** campesino, naturaleza, pasado, civilización, modo de vida.

## Differences and similarities in the peasant analyses of the Rousseau, Michelet e Marx

**Abstract:** Academic interest in the peasantry, across diverse areas of knowledge, did not begin just yesterday. History shows that many intellectuals have tried overtime to understand peasants and the ins and outs of their way of life. From the liberals to the romantics, from Positivists to dialectical materialists, there have been many analyses and many prognoses, some disparate and some complementary. Since these debates continue to agitate academic life it is of extreme importance to distinguish the variety of conceptions about the peasantry. The thinkers examined in this article, although contemporaries of the XVIII and XIX centuries, reflect all of the intensity of present day debates. The selected authors are the French intellectuals Jean-Jacques Rousseau and Jules Michelet, and Karl Marx, who of course was German. To reconsider the quarrels between these thinkers, allows us place in greater historical context various questions that continue to animate discussion of the peasantry. This article revisits the arguments of each author, one-by-one, bringing them to the present for further consideration. The ideas of each is summarized with regard to four themes of analysis: the peasantry, instinct, simplicity and isolation. In conclusion, the article comments on the contrasting thoughts of the selected authors.

**Keywords:** peasants; nature; historical perspectives; civilization; way of life.

### Advertência ao leitor

Nos três autores escolhidos, foram usadas conjugações verbais variadas para ressaltar as diferentes abordagens sobre o campesinato. Explica-se o porquê.

Rousseau fala da existência de dois tipos de homens: o natural e o social. O homem natural (virtuoso) é anterior ao homem social (vicioso). A corrupção ocorreu com a constituição da vida em sociedade. Portanto, num passado distante. Logo o homem natural é o passado do passado, pois é anterior ao homem social e sua corrupção. Nesse caso, foi usado o pretérito mais que perfeito (que indica uma ação passada em relação a outro fato passado). Os fatos que se referem à origem do homem social e sua consequente corrupção foram descritos com a utilização do pretérito perfeito. O presente do indicativo foi usado para falar do camponês e dos fatos que não se distanciam no tempo.

Em Michelet, os verbos foram conjugados no presente do indicativo. Para o autor, o camponês, embora tenha em si o passado (redentor), faz parte do presente e não deixará de existir, tendo um papel fundamental na transformação da sociedade.

No prognóstico realizado por Marx (sobre o desenvolvimento da sociedade, o crescimento da força revolucionária proletária e o fim do campesinato) foram usados verbos conjugados no futuro do pretérito (indicação de futuro incerto). Sabe-se que, embora certo para o autor, muito do prognóstico não se cumpriu. Destarte, apostou-se, para melhor segurança, na incerteza da ocorrência do fato. Para o campesinato usou-se o presente do indicativo (fatos em ocorrência).

Nota-se que, nos três autores, o camponês foi relatado com o presente do indicativo, conferindo a importância devida à atualidade das discussões propostas, mesmo que estas caminhem, por vezes, em sentidos opostos em seus prognósticos.

### Do homem natural ao homem civil: primitivismo e selvageria em Rousseau

Um dos precursores do pensamento romântico<sup>1</sup> foi Rousseau. Marcando uma postura diferenciada frente aos pensadores de sua época, baseou-se na idéia de que “o homem nasce bom, a sociedade o corrompe”. O homem natural de outrora fora corrompido pela vida em sociedade, perdendo os dons naturais.

<sup>1</sup> Não é nosso objetivo rotular tais pensadores, até mesmo porque o movimento romântico possuía imensa pluralidade de pensamentos e posturas. Mas a idéia do “bom selvagem” de Rousseau influenciou uma das posturas mais marcantes do romantismo: a idéia de retorno ao passado e a uma vida primitiva harmônica.

Para Rousseau, o homem possuía, em sua origem, um estado de natureza: vida simples fundamentada nos instintos e organização fisiológica perfeita. A natureza fizera o homem sadio e livre. Não fora bom, nem mal, mas possuía a piedade<sup>2</sup>. Suas paixões elementares reduziram-se a três desejos: nutrição, reprodução e repouso. Seu temor fora a dor, e não a morte, pois a ignorava. O homem natural fora superior, pois possuía uma vida simples, que o privava de força e agilidade.

*Habitados, desde a infância, às intempéries da atmosfera e ao rigor das estações, experimentados na fadiga e forçados a defender, nus e sem armas, a vida e a prole contra as outras bestas ferozes ou a elas escapar correndo, os homens adquirem em temperamento robusto e quase inalterável; os filhos, trazendo para o mundo a excelente constituição de seus pais e fortificando-as pelas mesmas atividades que a produziram, adquirem, desse modo, todo o vigor que a espécie humana é capaz. A natureza [...] torna-os fortes e robustos (ROUSSEAU, 1999, p.58).*

A evolução social corrompeu o “estado natural” do homem. Entretanto, existira, para Rousseau, uma Idade de Ouro, onde os primeiros embriões da vida social (família, primeira forma de propriedade, amor paternal e conjugal, aperfeiçoamento da linguagem, nascimento das relações de vizinhança) não corromperam o estado natural. Essa Idade do Ouro ficara a meio caminho entre a adolescência primitiva e a perversão atual.

Com o distanciamento gradual do estado de natureza, o verdadeiro saber fora deixado de lado. O homem natural desaparecera no momento em que surgiram as desigualdades prejudiciais<sup>3</sup>, cedendo lugar a agrupamentos de homens artificiais e paixões fictícias sem fundamento na natureza. As desigualdades prejudiciais não foram frutos de processos naturais. A invenção da propriedade privada foi a mãe de todas as desigualdades, pois promovera a separação entre os que possuíam e os que não possuíam, originando as sociedades civis baseadas em leis. Destarte, a natureza foi submetida à lei, impondo a dominação aos mais fracos.

O homem domesticou-se. E assim como os animais, uma vez domesticado, degenerou-se.

*O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno têm, na maioria, uma estatura alta, e todos uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem quando nas florestas do que em nossas casas; perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados para tratar bem e alimentar esses animais só conseguem degenerá-los. Acontece o mesmo com o próprio homem. Tornando sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, subserviente, e sua maneira de viver, frouxa e afeminada, acaba por debilitar ao mesmo tempo sua força e coragem. (ROUSSEAU, 1999, p.62).*

O homem natural fora uma unidade numérica: absoluto total. O homem civil tornou-se uma unidade fracionária: preso ao denominador cujo valor está em relação com o todo. A sociedade civilizada promoveu a decadência do homem natural e seu estado primitivo de harmonia. Inseriu-lhe vícios até então desconhecidos. Corrompeu a mente e os corpos, que se tornaram frágeis.

*A extrema desigualdade na maneira de viver; o excesso de ociosidade de uns; o excesso de trabalho de outros; a facilidade de irritar e satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade; os alimentos muito rebuscados dos ricos, que os nutrem com sucos abrasadores e que determinam tantas indigestões; a má alimentação dos pobres, que freqüentemente lhes falta e*

<sup>2</sup> Fora esse instinto que garantira ao homem natural a harmonia em grupo, impedindo que abusos fossem cometidos.

<sup>3</sup> Rousseau considerou dois tipos de desigualdades: a natural ou física (diferenças de idades, saúde, forças do corpo e das qualidades de espírito e alma), e a moral ou política (que consiste do privilégio que uns gozam em prejuízo dos outros). Estas sim foram prejudiciais ao estado natural e a decadência das virtudes do homem.

*cuja carência faz que, quando possível, avidamente seu estômago; as vigílias, os excessos de toda sorte; os transportes imoderados de todas as paixões; as fadigas e o estamento do espírito, as tristezas e os trabalhos sem número pelos quais se passa em todos e pelos quais as almas são perpetuamente corroídas – são, todos, indícios funestos de que a maioria de nossos males é obra nossa e que teríamos evitado quase todos se tivéssemos conservado a maneira simples, uniforme e solitária de viver prescrita pela natureza (ROUSSEAU, 1999, p.61).*

O que outrora lhe servira para garantir a sua sobrevivência, já não era mais suficiente. Ao adquirir os vícios de uma vida em sociedade, o homem descartou suas virtudes naturais. Perdeu as qualidades do estado de natureza. Enquanto o corpo fora o único instrumento que o homem selvagem conhecera, o homem civilizado tornou-se refém das máquinas: mais artificial e menos preparado. Aquilo que alhures (no passado) determinara a felicidade do homem selvagem, reduziu o homem policiado ao desespero.

Não havia mais como recuperar a harmonia do estado primevo. Entretanto, havia quem mais dele se aproximasse: o camponês. Motivo: o contato maior com a natureza o torna mais apto e menos corrompido que o homem da cidade. Os camponeses, estando distantes das aglomerações humanas e de suas artificialidades e mais próximos da natureza, estão menos corrompidos. Por isso, conseguem manter qualidades primitivas de seu estado de natureza, virtudes que os homens da cidade há muito tempo perderam.

Em seu livro Emílio, Rousseau expõe as qualidades que conferem a superioridade do modo de vida camponês em relação ao homem da cidade. A rusticidade camponesa os torna menos dependente dos outros. Os camponeses estão em contato direto com o ar puro do campo. Falam e se alimentam melhor (ingerem menos carne e mais legumes). São mais naturais: fortes, ágeis, e, portanto, mais livres. Estão mais preparados, seus instintos são mais bem usados, distanciando-se dos vícios da civilização. O medo de insetos (comum nas pessoas das cidades) não existe pelo fato de conviverem a todo o momento com várias espécies de animais. A simplicidade os torna superiores. O vocabulário é menos extenso, no entanto, as pessoas, por pensarem menos, assimilam melhor as idéias.

Para o autor, as cidades são os báratos da espécie humana. Quanto mais o homem se aglomerou em cidades, mais rápido o perdeu o dom primeiro da natureza: a liberdade. Rousseau acreditava que os homens não foram feitos para amontoarem-se em formigueiros, mas sim para viverem espalhados pela terra, cultivando-a. Por isso, defendia a idéia de que o campo era o lugar da renovação, capaz de conduzir o homem ao vigor primitivo, sendo, portanto, o melhor lugar para se educar a criança e viver.

### **Michelet: o campesinato na condição de “povo”**

*Nós, os bárbaros, temos uma vantagem natural; se as classes superiores têm a cultura, temos muito mais calor vital. (MICHELET, 1988, p.19-20).*

Michelet possuía origem camponesa<sup>4</sup>. Por isso, não conseguia entender as disparidades existentes entre a realidade vivida e a descrita nos livros. Estranhava os relatos realizados pelos escritores da época, pois eles estavam em contradição com as suas lembranças. A realidade por ele vivida parecia ser outra completamente diferente da relatada nos livros.

*Não é de estranhar que, conhecendo como ninguém os antecedentes históricos desse povo e tendo eu próprio, por outro lado, partilhado sua vida, sinta uma necessidade premente de verdade quando me falam dele.*

<sup>4</sup> “As duas famílias de que procedo, uma da Picardia e outra das Ardenas, eram originariamente famílias de camponeses que meclavam à cultura uma certa indústria” (MICHELET, 1988, p.10).

*Quando a evolução de minha História levou-me a tratar as questões atuais, e ao percorrer os livros onde foram discutidas, confesso ter ficado perplexo por notar quase todos em contradição com minhas lembranças (MICHELET, 1988, p.3).*

Teria o povo se transformado? Seu livro “O Povo” surge da necessidade de desvendar essa pergunta. Para Michelet, as estatísticas eram insuficientes para compreender a realidade, não sendo capaz de explicá-la. Por isso, decidiu ir ao campo para falar com quem nele vivia: os camponeses. “Então fechei os livros e voltei ao seio do povo tanto quanto me era possível, o escritor solitário mergulhou de novo na multidão, ouviu-lhe os rumores, observou-lhe as vozes” (MICHELET, 1988, p.3). Foi retornando ao seio do povo que Michelet pôde perceber que o povo era o mesmo e as mudanças eram apenas exteriores<sup>5</sup>. Notou que os pintores e escritores de sua época insistiam apenas em ver (e na maioria das vezes aumentar) os defeitos, se esquecendo das qualidades desse povo.

Todavia, Michelet afirmou que seu livro brotou muito mais de sua experiência do que de seu estudo.

*Tirei-o da observação, das relações de amizade e vizinhança; coligi-o ao longo dos caminhos; o acaso gosta de servir àquele que persegue sempre um mesmo pensamento. Enfim, encontrei-o, sobretudo, nas recordações de juventude. Para conhecer a vida do povo, seus trabalhos, seus sofrimentos, bastava-me interrogar as lembranças (MICHELET, 1988, p.2).*

Em seu livro, Michelet demonstrou os problemas existentes, mas também procurou apontar soluções para eles. Onde elas estariam? Justamente nas virtudes esquecidas pelos escritores, ou naquilo que por vezes era entendido como defeito.

O camponês possui a tradição salvaguarda: um patrimônio dado por Deus: “o dom de trabalhar, de combater se for preciso, sem comer, o dom de viver de esperanças, o dom da alegria corajosa” (MICHELET, 1988, p.30).

O camponês ama a terra. Sua relação com ela é natural. Ambos estão intimamente ligados. Ama-a tanto, que “para adquiri-la aceita tudo, mesmo não vê-la mais; emigra, afasta-se se for preciso, amparado por esse pensamento e essa recordação” (MICHELET, 1988, p.34). Para Michelet, foi justamente esse amor (que muitos divulgaram como o maior de seus defeitos) que salvou a França nos tempos de crise: economizando, combatendo, trabalhando na e pela terra.

O camponês é o homem da terra que vive na terra. Feito a sua imagem e semelhança: “Como a terra, ele é ávido; a terra nunca diz: basta. É obstinado, tal como a terra, e, a seu exemplo, não menos indestrutível que ela, tudo passa e ele permanece” (MICHELET, 1988, p.41). Há, portanto, entre ambos (terra e camponês) uma relação mútua, quase carnal, como um casamento: o camponês trabalha a terra e ela lhe dá o retorno em alimentos.

Assim como a tentação do pescador é a água, a do camponês é a terra. Para expandi-la, toma emprestado do usurário local. Nesse momento, inicia seu processo de decadência. Trabalha até seu esgotamento completo e o de sua família. “A terra lhe dá dois, a usura exige oito, isto é, a usura combate contra ele como quatro homens contra um. Os juros de um ano arrebatam quatro anos de trabalho” (MICHELET, 1988, p.36).

Porém, é importante ressaltar que, para Michelet, o problema não está no amor do camponês pela terra, mas sim na existência do capital usurário. A usura leva suas forças e o ilude. Já não mais ri, está sempre sombrio. Essa tortura o esgota, e assim, o camponês se

<sup>5</sup> Havia, nesse momento, um embate entre a escola alemã e a francesa. Para os franceses, a objetividade nos estudos era dada pelo envolvimento com o objeto, quando o historiador fazia parte, conhecia e convivia com aquilo que estava sendo pesquisado. Em contraposição, a escola alemã pregava a neutralidade, o não envolvimento com o objeto de estudo, fazendo uma certa apologia ao documento.

isola e se amargura ainda mais. Sua insociabilidade nasce da miséria vivida e que o consome a cada dia, impedindo-o de aproximar-se daqueles que seriam seus amigos naturais. As pessoas prósperas se afastam, temendo a fubecada. Ao tornar-se escravo do usurário, não será mais apenas miserável, perderá também a coragem.

Embora mais laborioso, os camponeses são os mais desnutridos. “O operário mais modesto come pão branco; mas aquele que lhe proporciona o trigo só como preto. O camponês faz o vinho, e a cidade o bebe” (MICHELET, 1988, p.42).

Ao perder suas indústrias artesanais, sofre ainda mais para preservar a terra. Logo ela lhe escapa, levando consigo “anos de trabalho, a economia e o sacrifício investidos” (MICHELET, 1988, p.42).

Ao migrar para a cidade, esta lhe parece brilhante, em contraste à pobreza do campo. Nas cidades o trabalho é mais suave. As pessoas trabalham em recintos fechados. O salário parece razoável. A alimentação melhora. Adquirem artigos de extrema necessidade e de luxo.

Meras aparências. Há as oscilações e o desemprego. O ar das cidades é impuro. Embora ganhe mais dinheiro, adquire vícios que o leva facilmente. Dessa forma, perde suas virtudes: a sobriedade, a economia e a avareza. O progresso exterior não é suficiente para encobrir seus custos:

*[...] a condição de haver, em meio a um povo de homens, um miserável grupo de homens-máquina que vivem pela metade, produzindo coisas maravilhosas sem que eles próprios se reproduzam, só engendrando para a morte e só perpetuando pela absorção incessante de outras populações que aí se perdem para sempre (MICHELET, 1988, p.50).*

O trabalho realizado por esses homens-máquina os deformam. A máquina não permite divagação ou distração, apenas o tédio e a monotonia. Tornam-se fracos, fisicamente, e impotentes, moralmente. Eis a causa de seus vícios. As máquinas deram aos homens a capacidade de unir as forças sem precisar unir os corações. A sociedade trabalha para tornar-se insociável.

Diferente de Rousseau, Michelet acreditava que a tradição não estaria presa a um passado sem volta. Destarte, por não estar perdida, haveria como recuperá-la. Para barrar a decadência para qual caminha a sociedade, só haveria uma maneira: resgatar a moral camponesa. Essa seria a única forma de combater o câncer que corrói a sociedade. Apenas o campesinato possui a tradição salva-guarda – a seiva vitalizadora. A salvação estaria, portanto, em generalizar essa seiva. Como? Fazendo renascer em todos a criança que mantém em si vivos os instintos e as virtudes naturais para restaurar a simplicidade, a economia, o sacrifício, a amizade, o amor, a família e a generosidade.

Nesse sentido, Michelet dialoga com Rousseau. Acredita que o homem não nasce corrompido. Por isso, utiliza a criança como linguagem metafórica para se referir às qualidades inatas (adormecidas ou esquecidas) do povo.

*A criança é o interprete do povo. Que estou dizendo? É o próprio povo, em sua verdade inata, antes de deformar-se, o povo sem a vulgaridade, sem a rudeza, sem a inveja, que não apenas inspira nem desconfiança nem repulsão [...] É também por intermédio da criança que podeis apreciar o que o povo, mudado como está, conserva ainda de jovem e primitivo. (MICHELET, 1988, p.134).*

Michelet acreditava que o erro estaria justamente em querer combater a cultura popular, ou seja, aquilo que poderia assegurar a redenção da sociedade. O campesinato, por manter essa cultura, se constituía em um ser por inteiro, com a natureza, os sentimentos e as tradições.

### **Marx e o campesinato**

Mitrany (1957) afirma que, diferente de seus predecessores utópicos, Marx considerou o problema agrário do ponto de vista da produção e não da organização social. A economia em larga escala foi à primeira condição para o bem estar. Condição essa que se realizou em parte na indústria (com a Revolução Industrial) e que ocorreria posteriormente na agricultura. Essa transformação completaria o divórcio entre agricultura e indústria doméstica, e prepararia o terreno para a agricultura capitalista. A evolução da indústria arruinaria tanto a pequena propriedade burguesa, quanto a camponesa.

O camponês, aos poucos, perderia sua renda complementar (indústria doméstica e terra comunal). A saída seria recorrer ao capital usurário: ao mesmo tempo sua salvação e derrocada. A produção camponesa jamais poderia competir com a produção capitalista em larga escala. Produzindo e ganhando pouco, não conseguiria pagar os impostos, nem o usurário. A perda de suas terras e a proletarianização seriam inevitáveis.

Por intermédio do aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção a burguesia arrastaria “para a civilização todas as nações, até mesmo as mais bárbaras” (MARX, 2002, p. 49). Antigas indústrias seriam destruídas suplantadas por novas indústrias que empregariam matérias-primas não mais locais, mas sim de regiões remotas. A antiga auto-suficiência e do isolamento local e nacional seriam substituídos por um intercâmbio universal.

*A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade. Criou cidades enormes, aumentou imensamente a população urbana em relação à rural e arrancou assim uma parte considerável da população do embrutecimento da vida rural. Assim com subordinou o campo à cidade, subordinou aos países bárbaros e semibárbaros aos países civilizados, os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente (MARX, 2002, p.49).*

Portanto, o fim do campesinato estaria próximo, pois as condições do desenvolvimento capitalista aboliriam a pequena propriedade camponesa. Posteriormente, o Socialismo aboliria a propriedade privada da terra e restauraria a propriedade comum. Não em sua forma primitiva, mas em uma forma bem mais elevada e desenvolvida. Esse tipo de propriedade comum não se configuraria um entrave para a produção e sim em sua liberdade.

Dessa forma, dentre todas as classes, apenas o proletariado seria a classe verdadeiramente revolucionária, por não possuir nenhum tipo de propriedade.

*As camadas médias, o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o camponês combatem a burguesia para salvar da ruína sua própria existência como camadas médias. Não são, portanto revolucionárias, mas conservadoras. Mais ainda, são reacionárias, pois procuram fazer retroceder a roda da história. Quando se tornam revolucionárias, é em consequência de sua iminente passagem para o proletariado; defendem seus interesses futuros, não seus interesses presentes, abandonando seu próprio ponto de vista pelo do proletariado. (MARX, 2002, p.55).*

As outras classes, por se manterem ligadas aos resquícios de modos de produção anteriores, não poderiam ser revolucionárias. A ligação com o passado representava, para Marx, uma barreira que poderia retroceder a roda da história.

O campesinato se mantinha conservador. Seu modo de vida estava fundamentado nas estruturas feudais. Prendiam-se ao sentimento com a terra, com extremo apreço pela sua propriedade. Dessa forma, não poderiam ser revolucionários, pois lutavam para manter sua condição de proprietário de terras. Seria esse sentimento e apreço que os levariam à ruína<sup>6</sup>. Havia também outros empecilhos.

<sup>6</sup> Para Marx, foi justamente a divisão de terras e a forma de propriedade consolidada por Napoleão na França que levou os camponeses à ruína. Ou seja, aquilo em que acreditavam seria o que os levaria a bancarrota.

*Os pequenos camponeses constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes, mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de criar entre eles um intercâmbio mútuo. [...] Seu campo de produção, a pequena propriedade, não permite qualquer divisão do trabalho para o cultivo, nenhuma aplicação de métodos científicos e, portanto, nenhuma diversidade de desenvolvimento, nenhuma variedade de talento. Cada família camponesa é quase auto-suficiente; ela própria produz inteiramente a maior parte do que consome, adquirindo assim os meios de subsistência mais através de trocas com a natureza do que do intercâmbio com a sociedade. Uma pequena propriedade, um camponês e sua família; ao lado deles outra pequena propriedade, outro camponês e sua família. Algumas dezenas delas constituem uma aldeia, e algumas dezenas de aldeias constituem um departamento. A grande massa da nação francesa é assim, formada pela adição de grandezas homólogas, da mesma maneira por que batatas em um saco constituem um saco de batatas (MARX, 1974, p.402-403).*

Os camponeses poderiam ser considerados classe social apenas pelo fato de possuírem condições econômicas, interesses e culturas que os distinguiriam de outras classes. Mas por se manterem isolados sem criar entre eles qualquer tipo de interesse e por não possuírem organização política, não se constituíram uma classe. Dessa forma, não seriam capazes de se representar, teriam que ser representados por um senhor que os dirigisse com autoridade<sup>7</sup>, ou por alguém que os conduzisse à revolução, pois, sozinhos, não a fariam (MARX, 1974, p.403).

Entretanto, Marx, admitiu a existência do camponês revolucionário, que luta para escapar das condições de sua existência social: “a população rural que, **ligada às cidades**, quer derrubar a velha ordem de coisas por meio de seus próprios esforços” (MARX, 1974, p.404, grifo nosso). Camponeses que encontram no proletariado urbano “seu aliado e dirigente natural” para derrubar o regime burguês (MARX, 1974, p.406).

### **Rousseau, Michelet e Marx: uma tríade?**

Os autores escolhidos, se analisados no conjunto do pensamento elaborado, embora por vezes divergente em seus prognósticos, formam uma tríade. Como na música: um acorde de três sons. Diferentes... porém não desafinados.

Estão inter-relacionados, como idéias que se negam, mas que também se complementam (e se afirmam). Idéias que marcam diferenças existentes, mas que, por vezes, também dialogam entre si.

Tomar-se-á quatro aspectos: o camponês, o instinto, a simplicidade, e o isolacionismo para análise das diferenças e semelhanças entre os três autores.

### **O Camponês**

Rousseau fundamentou suas idéias numa extrema valorização do passado e da natureza. O camponês é para ele o presente que mais se aproxima do passado perfeito por ele idealizado (do estado de natureza do homem primitivo). Valoriza-o, porque acredita que a vida do campo foi menos corrompida. A proximidade com a natureza impediu o camponês de adquirir determinados vícios que os homens da cidade adquiriram. Como não há como voltar ao estágio primitivo original, o camponês é o mais apto (pela sua cultura e seu modo

<sup>7</sup> Para Marx, a falta de representação e de organização política, aliada ao conservadorismo, levou os camponeses a crer que Napoleão (Luís Bonaparte) restituiria a eles toda a glória passada. Esse ato fez fracassar a revolução dos trabalhadores na França. Daí o furor de suas análises sobre o campesinato em razão do momento histórico por ele vivenciado.



de vida) para impedir a decadência total da sociedade, desde que estejam organizados por uma vontade geral (o contrato social).

Michelet defende a idéia de que o camponês é o passado salvador. Por possuir a tradição salvaguarda (a seiva), restituirá no presente a harmonia pretérita que garantirá um futuro próspero. O homem simples não ficou perdido para sempre no passado (como para Rousseau). Ele existe e faz parte da Revolução Francesa<sup>8</sup>. Será a base para restituição da harmonia da vida em sociedade.

Marx prega o fim do campesinato. As condições impostas pela lógica de desenvolvimento do modo de produção capitalista seriam fatais para o camponês. Seu modo de vida (atrasado e isolado) não se adequaria a uma realidade onde a grande produção prevaleceria. Portanto, para ele, o camponês é um presente preste a se tornar passado extinto pelo progresso da história. A tradição salvadora ficaria a cargo do proletariado revolucionário e não do campesinato. Nesse sentido, refuta tanto a idéia de Michelet, que acredita na tradição camponesa salvaguarda, quanto Rousseau, que prega a história enquanto decadência.

### **O instinto e a simplicidade**

Rousseau exalta a simplicidade da vida natural. O homem em seu estado de natureza fora guiado pelos instintos e isto fora suficiente para assegurar a vida em perfeita harmonia, garantindo a sobrevivência e o desenvolvimento humano. Para ele, a corrupção da vida em sociedade amputou os instintos básicos, inserindo vícios e tornando o homem débil e afeminado. Ao perder aquilo que garantira no passado a harmonia, o homem transformou-se em um animal domesticado, degenerando-se. Destarte, o verdadeiro saber (o instinto) fora deixado de lado. O homem perdeu a simplicidade da vida natural, tornando-se dependente de outras pessoas e das tecnologias.

Michelet dialoga com Rousseau, pois também exalta a simplicidade da vida natural. Todavia, acredita que o instinto do povo está alterado, mas ainda continua poderoso. A criança é o povo antes de deformar-se. Assim, para Michelet, a capacidade desse povo só será retomada quando todos libertarem a criança que existe dentro de si, retomando os traços essenciais para a vida humana: o instinto, a originalidade e a simplicidade.

Ambos fazem analogia com o instinto animal. Não no sentido de fazer o homem regredir a qualidade de animal, mas sim de resgatar a harmonia e as sensações puras que lhe foram inatas, sem sufocar a voz da natureza.

Para Marx, o homem emancipou-se de seus instintos mais primitivos quando passou a transformar a natureza a seu favor. O progresso das ciências demonstra uma dominação cada vez maior do mundo natural e distanciamento da vida simples. Os instintos naturais são necessários apenas aos povos menos civilizados (bárbaros), que ainda não se desenvolveram suficientemente.

### **O isolamento**

O isolamento, para Rousseau, fora a base de uma vida simples e harmônica. A vida humana entrou em decadência a partir do momento que o homem passou a se agrupar em sociedade, tornando-se civilizado. A vida em sociedade fez o homem perder as virtudes naturais e adquirir vícios (artificialidades). Para Rousseau, é justamente a condição de isolamento que garante ao camponês a capacidade de manter determinadas virtudes em relação ao homem da cidade, fato que o torna menos corrompido.

Para Michelet, diferente de Rousseau, não há isolamento na vida simples. Os corações estão unidos pelas mesmas vontades e tradições. Michelet defende a idéia de que o isolamento humano é produto de uma sociedade mecanizada. A máquina uniu os corpos

<sup>8</sup> É importante não esquecer que os pensadores escreviam motivados pelos acontecimentos de sua época. Michelet procurou em seu livro “O Povo” encontrar soluções para França em meio ao processo revolucionário por ele vivenciado.

sem unir os corações, promovendo um isolamento selvagem na cooperação. A sociedade mecanizada é uma sociedade que trabalha para cada vez mais se tornar insociável. As máquinas propiciam um contato ingrato, sem vontade e principalmente sem calor, fazendo os trabalhadores sentirem apenas as durezas dos atritos.

A principal crítica de Marx ao camponês é a sua condição isolada, que o impede de ser considerado classe social e de ter poder político representativo. Nesse sentido, contrapõe-se a Rousseau, pois o que para ele seria uma qualidade, para Marx é uma deficiência. Enquanto Michelet acredita que o isolamento é fruto do progresso tecnológico (das máquinas), Marx defende a idéia de que é a ausência de tecnologias que isolam os homens.

### Epílogo

Nota-se entre os autores discutidos semelhanças e diferenças. Diálogos que se estendem pelos mesmos caminhos, mas que também se contrariam. As idéias, que em princípio parecem confluir, divergem quanto ao fim que prescrevem. Os fins que se assemelham, possuem outros meios.

Cada abordagem contém um momento, uma visão de mundo e uma historicidade própria, mas também uma universalidade que lhe é comum. Românticos ou positivistas, idealizadores ou não, cada autor pontua questões que nos fazem pensar sobre a origem, as transformações e o futuro do campesinato.

Se for o fim ou a prosperidade, a história nos dirá.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 413p. (Os Pensadores, XXXV). Trad. José Carlos Bruni.

\_\_\_\_\_. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Martin Claret, 2002. 144p. (Obra Prima de Cada Autor, 44) Trad. Pietro Nassetti.

MICHELET, Jules. O Povo. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 231p. Trad. Gilson César Cardoso de Souza.

MITRANY, David. Marx contra o camponês. Rio de Janeiro: Ipanema, 1957. Trad. Marcelo Antônio.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Nova Cultural, 1999. v.2, 303p. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. Emílio, ou, Da educação. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 684 p. Trad. Roberto Leal Ferreira.